

# Só agora o projeto dos Cieps começa a ser avaliado

ALOY JUPIARA

Dez anos depois de criado o Programa Especial de Educação (PEE), no primeiro Governo Brizola, ainda não se tem uma avaliação sobre o desempenho do Ciep. Até o fim deste ano, 500 Cieps estarão espalhados por todo o Estado do Rio. Há um mês, o GLOBO publicou uma série de reportagens sob o título geral "500 Cieps. A qualquer preço", sobre a conclusão da construção dos Cieps, ao custo de US\$ 2 milhões, cada prédio. Em seguida à publicação, a subsecretária de Programas Especiais do Governo do Estado, Tatiana Memória, escreveu carta ao jornal defendendo vivamente o Programa Especial de Educação e colocando-se à disposição de repórteres e editores para revelar-lhes o seu projeto pedagógico. Fruto desse convite, surgiu a proposta de uma mesa-redonda sobre o Ciep.

O debate ocorreu na segunda-feira passada, entre 15h30m e 19h, na sede do GLOBO. Participaram, de um lado da mesa, a própria subsecretária Tatiana Memória — braço-direito do pro-

fessor Darcy Ribeiro no planejamento e na administração dos Cieps — e a diretora pedagógica do Programa Especial de Educação, Carmem Maria Rangel. Do outro lado, a diretora do Departamento Geral de Ensino da Secretaria municipal de Educação, Iza Locatelli, e o pesquisador Sérgio Costa Ribeiro, do Laboratório Nacional de Computação Científica (LNCC). Sérgio estuda o mito da evasão escolar e a cultura da repetência. Iza tem dados sobre a experiência de dez anos da cidade do Rio com os Cieps. A mediação foi do jornalista Marçal Versiani, editoralista do GLOBO.

A falta de uma avaliação externa do programa, nesses dez anos; o número de vagas ociosas nos Cieps; a obrigatoriedade do horário integral; a falta de estatísticas sobre a demanda por vagas, que justificassem a construção de tantos prédios; e a inexistência de investimentos para a melhoria da qualidade dos professores das escolas da rede (ao contrário do que ocorre nos Cieps) são alguns dos itens do debate. O ponto de partida, consensual, foi a crise crônica do ensino e a necessidade de mudança da escola pública.

**O GLOBO — O Ciep é a solução para os problemas no ensino público?**

**Tatiana** — Neste momento foi. Por uma razão: não apareceu outra. Educação em horário integral permite dar à criança o apoio que ela não tem quando está numa escola por duas ou três horas. Ninguém está dizendo que o Ciep é a voz da verdade. Agora, o projeto voltou com uma preocupação enorme em relação ao professor. E consenso que o professor não está sendo bem formado. E isso não é culpa dele, mas do ciclo básico que ele frequentou. O Instituto de Educação também precisa urgentemente ser reformulado. Professoras formadas nos últimos três anos, fizeram provas de seleção para bolsas de estudos na Uerj. De 500, só 200 foram aprovadas em provas de nível de 4ª série primária. O nível era baixíssimo. O que fizemos? Preparamos cursos de formação dentro dos Cieps.

**O GLOBO — Só nos Cieps?**

**Tatiana** — Teria sido uma maravilha se tivéssemos conseguido estender a experiência a toda a rede, mas não foi possível. Essa escola nova, o Ciep, dá à criança a chance de se preparar melhor. Ela tem um horário de estudo dirigido para receber o apoio que não terá em casa.

**Iza** — No município do Rio, não houve o problema que aconteceu no Estado, com a interrupção do PEE durante o Governo Moreira. No município, governos de um mesmo partido administraram os Cieps.

**Tatiana** — Houve interrupção, sim. No sentido de não ter nos Cieps o estudo dirigido, animação cultural, educação física...

**Iza** — Mas tem. Nós comparamos os desempenhos das escolas de horário parcial com os Cieps. Nesses dez anos, o desempenho dos Cieps foi sempre inferior. Não sou contra a ampliação do tempo de permanência do aluno na escola, mas não me parece que as nove horas sejam a solução. Temos 45 mil alunos em Cieps, em horário integral, e 700 mil na rede regular. O desempenho dos alunos dos Cieps não foi melhor. Qual a conclusão? Aumentar o tempo de permanência do aluno na escola é necessário. Não vamos atingir todos os 700 mil alunos com Cieps e horário integral. É impossível.

**Tatiana** — Também acho.

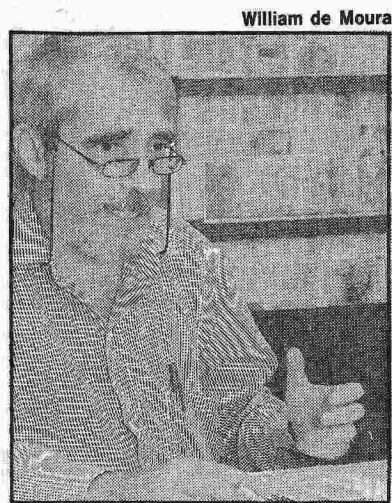
**Iza** — Pensamos numa solução que não é o Ciep. A ideia é ampliar a jornada para seis horas e oferecer atividades fora da escola. Criamos em seis meses o clube escolar. Um funciona numa universidade; outro está numa associa-

ção; o terceiro, num clube; e o próximo será num quartel. Dentro desses espaços, estão professores de educação física, de artes, de música. A criança se inscreve no clube escolar e participa das atividades, quando não está em aula.

**Tatiana** — Você está fazendo um Ciep, que está metade dentro da escola e metade fora.

**O GLOBO — Sem ter que necessariamente construir um Ciep.**

**Iza** — Se fizermos 40 clubes escolares, atingiremos todos os estudantes dos Cieps. O que queremos dizer com isso? Ninguém aqui é contra a permanência do aluno



William de Moura

**“Fui dar uma palestra num Ciep e passei 2 dias afônico”**

Sérgio Costa Ribeiro

por mais tempo na escola, mas por que necessariamente o horário integral? E por que um Ciep? Pode ser numa escola, com seis horas de aulas. Isso é o que torna o Ciep autoritário. Eu frequento muito Cambuci. Aquele município tem um tipo de cultura agrícola, diversa. Fecharam escolas regulares, remanejaram professores, para encher o Ciep. Não precisava. Aí, a população reage.

**Tatiana** — Não aconteceu isso. O que o jornal diz não é bem o que acontece.

**Iza** — Desculpa, mas Cambuci eu conheço porque frequento. Sei que houve reação porque vi acontecer. No Rio, colocam-se Cieps nos bairros, com características próprias, de uma forma autoritária. E por que não dar treinamento para os professores da rede regular como está sendo feito com os bolsistas nos Cieps? A rede dos



Os participantes do debate, da esquerda para a direita: Sérgio Costa Ribeiro, Iza Locatelli, Marçal Versiani, Tatiana Memória e Carmem Maria Rangel

**“O Niemeyer é um grande escultor, que obriga as pessoas a trabalharem dentro de suas esculturas”**

Sérgio Costa Ribeiro

Cieps, como se disse, tem 3 mil em treinamento. Enquanto isso, você tem quantos professores nas escolas do Estado? Sessenta mil? Só na rede municipal são 30 mil. Não vamos atingi-los nunca?

**Tatiana** — Eu concordo. Acho uma maravilha fazer o clube escolar. Vocês estão usando o mesmo processo do Ciep, sem precisar do prédio.

**Iza** — O que nos perguntamos é por que necessariamente esse prédio e por que nove horas? Nossa alternativa: Ciep e prédio convencional, seis horas e clube.

**O GLOBO — Não houve uma inversão de prioridades? Ao invés de se aplicar o dinheiro nos prédios, não se deveria ter investido nos professores?**

**Tatiana** — Talvez esse investimento devesse ter sido feito antes. Bem que se tentou. Em 1984, quando começou o PEE, houve o treinamento de professores para Cieps. Com o prédio, a ideia foi criar algo de impacto que chamasse a atenção. Ele funciona maravilhosamente bem.

**Iza** — Vocês têm dados sobre esse “maravilhosamente bem”? O aluno ciepado tem um desempenho melhor?

**Tatiana** — Eu não tenho aluno ciepado no Estado. Nem você tem no município. O aluno ciepado não tinha existido até este ano. Repito: os Cieps só poderão ser avaliados em dezembro pois teremos um ano de funcionamento pleno.

**Iza** — Então você considera que o programa do Ciep ainda não existiu para valer?

**Tatiana** — Só de 1984 a 1986. Em 1986, acabou. Os Cieps acabaram. Não existiram integralmente nem no município.

**Sérgio** — Eu queria lembrar que o crescimento da população jovem, de 5 a 14 anos, no Estado, estacionou e está começando a cair. A minha pergunta é: baseado em quais projeções se cria uma meta de 500 Cieps? Esse prédio é uma escultura muito bonita, projetada por um grande escultor, que tem um desvio sério de comportamento, porque obriga as pessoas a trabalharem dentro de suas esculturas.

(Risos).

**Sérgio** — Fui convidado pela SBPC para dar uma palestra no Ciep Tancredo Neves, no Catete. Falei durante três horas para 15 professores. Depois disso, passei dois dias afônico. Não se conseguirá fazer educação dentro desses prédios.

**Tatiana** — Bom. Vamos respondendo por parte. Sobre a demanda: as estatísticas provam que o crescimento populacional diminuiu etc. Mas este ano houve uma transferência brutal de alunos da escola privada para a pública.

**Sérgio** — Esse é um fenômeno interveniente. Não quer dizer que a demanda vai crescer todos os anos.

**Tatiana** — Este ano, na Baixada Fluminense, havia 32 mil crianças fora das salas de aulas.

**Sérgio** — Eu questiono seriamente esse dado.

**Carmem** — Pegamos esses dados nas prefeituras. Posso não acreditar neles, mas são os existentes.

**Iza** — Mas estão sobrando vagas em Cieps.

**Tatiana** — Há demanda e será coberta. Agora no meio do ano, abrimos novos Cieps na Baixada, e as matrículas superaram as expectativas. É certo que há cinco ou seis municípios no interior com Cieps vazios. Cambuci é um deles.

**Iza** — Cambuci não precisava de um Ciep.

**Tatiana** — Agora, sobre o prédio: tenho 205 prédios de Cieps funcionando integralmente. E não tenho problemas.

**Iza** — Aqui no Rio, há 105 Cieps, com 45 mil alunos matriculados. Mas há 15 mil vagas não preenchidas. Isso é muito sério porque é dinheiro público gasto em prédios. Construir escolas em local de demanda é regra básica, como dois e dois são quatro. Outro dia tivemos que interditar uma escola. Transferimos ela inteira para um Ciep e ainda sobrou espaço. O carioca não adotou o Ciep. Não pensamos em acabar com o horário integral porque muitas mães precisam da escola para deixar os filhos. Mas vamos jogar com todas as alternativas. Para não cair no autoritarismo que existe...

**Tatiana** — No prédio...

**Iza** — Não. No fato de que todos os Cieps funcionam da mesma maneira. Eu não posso impor o mesmo tipo de escola para todas as regiões. Na Zona Oeste, pais tiram os filhos do Ciep porque eles precisam trabalhar.

**Carmem** — Outro dia, o Darcy Ribeiro disse: “Nós começamos a ter que pensar na vocação de cada um dos Cieps”. Os ginásios públicos, para a faixa a partir de 12 anos, já são uma alternativa, pois neles há a opção pelo turno de seis horas. Horários alternativos para Cieps em municípios do interior também estão em pauta.

**Iza** — Agora.

**Carmem** — Agora, claro. Nós erramos. Erramos muito e vamos corrigir.

**Tatiana** — Ninguém trepou nas tamancas e disse: “Nós inventamos a verdade e estamos em cima dela”. Em 1986, observamos erros que estão sendo corrigidos.

**O GLOBO — Que erros?**

**Tatiana** — No primeiro governo, entregamos os Cieps nas mãos das diretoras. Mas notamos que não adiantava montar a escola e entregá-las porque, sem controle, o programa ia se desmantelando.



William de Moura

**“Os problemas que ocorrem na obra são do operariozinho”**

Tatiana Memória

Desta vez, mudamos isso. A diretora está subordinada à Secretaria. Ela não tem autonomia.

**Sérgio** — Eu não tenho experiência em escolas de Primeiro Grau. Mas penso ser extremamente assustador ouvir que a diretora não tem autonomia, não pode criar um programa pedagógico dela, dentro da escola.

**Tatiana** — Não. Você se esquece que essa diretora não está entrando na escola para inventá-la, mas para executar o PEE.

**Sérgio** — Também acho difícil um programa educacional funcionar, sem que antes se discuta com seriedade os motivos da repetência escolar. Eu li o tijoloço do Brizola, dizendo que 50% das crianças se evadem na primeira série do sistema escolar. Isso não existe. A evasão escolar é mínima.

**Carmem** — O PEE discutiu durante mais de seis meses antes de adotar o construtivismo e a avaliação continuada, com diretores e professores, justamente para que os índices de repetência não ocorram para sempre.

**Iza** — Mas você não acha que o carro está na frente dos bois? Essa é uma preparação longa. Eu vejo muitos professores falarem de Piaget. Mas, quando chega na sala, a prática é a mesma. Por que adotar a avaliação continuada quando os professores ainda não entendem o que é isso? No município, os Cieps aderiram ao bloco único. Mas os professores não tinham a menor ideia do que estavam fazendo. Conclusão: 25 por cento dos alunos dos Cieps do Rio são hoje analfabetos e estão espalhados na 2ª, na 3ª, na 4ª séries.

**Tatiana** — Enquanto se discute, a vida inteira, se é certo ou errado, nada acontece. O horário integral é voltado para crianças de 7 a 14 anos porque acreditamos que elas têm o direito de estudar e não devem ainda trabalhar. O que esse menino vai levar da rua é de meio salário-mínimo, no máximo. O Ciep liberta a família de toda a despesa que essa criança dá. Essa criança está recebendo alimentação, roupa, material pedagógico. Essa é nossa opinião. As vezes, as famílias não entendem assim. Mas muitas concordam. Tanto que há Cieps cheios.

**Iza** — Não é o caso dos Cieps do Rio. Aqui, há muitas vagas. Eles estão longe da ocupação plena.

**Tatiana** — Nos Cieps do Estado, a média é de 450 a 600 alunos. Uns, os mais velhos, estão lotados. Onde tenho menos, tenho 300 ou 300 e pouco.

**O GLOBO — A capacidade plena é de 600.**

**Tatiana** — Considerar que eu tenho um projeto falido e furado nas mãos é ridículo. São 205 Cieps montados até agora e, até setembro, serão 270. Não é um projeto falido. Os resultados só vão aparecer nos próximos seis, se ele não acabar, como acabou em 1986. E para ele não acabar a gente precisa da ajuda do GLOBO. Porque se forem cair em cima de Cieps de seis municípios com problemas, aí nós estamos fritos.

**O GLOBO — A senhora afirmou em entrevista ao GLOBO, há um mês, que havia vagas de sobra na Baixada. Foi a senhora quem deu os dados e reconheceu a ociosidade.**

**Tatiana** — Dei sim. Mas agora você trata de escrever uma matéria, como fez daquela vez, com o que estou contando agora.

(risos).